



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM ÁREA PROFISSIONAL DA
SAÚDE - PRAPS/FAMED/UFU
ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL

MARCOS MARTINS DA COSTA

A SAÚDE MENTAL DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: REVISÃO DE
LITERATURA

UBERLÂNDIA/MG
2020

MARCOS MARTINS DA COSTA

**A SAÚDE MENTAL DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: REVISÃO DE
LITERATURA**

Trabalho de conclusão de Residência apresentado ao Programa de Residência multiprofissional em área profissional da saúde – PRAPS/FAMED/UFU, como requisito parcial para a obtenção do Título de Enfermeiro Especialista em Saúde Mental.

Área de concentração: Atenção em Saúde Mental

Orientador: Me. Enfermeiro Guilherme Silva Mendonça.

UBERLÂNDIA/MG

2020

A SAÚDE MENTAL DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO:

Objetivo: analisar o contexto da violência contra a mulher na perspectiva da saúde mental. **Método:** trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo, do tipo revisão integrativa. Realizou-se a busca no ano de 2020, nas bases de dados eletrônica PUBMED, LILACS, na Biblioteca Virtual *SciELO*, base de dados especializada na área de Enfermagem (Bdenf) e Index psicologia. Incluíram-se os trabalhos originais na íntegra, produzidos nos últimos cinco anos (2015-2020), nos idiomas inglês e português, disponíveis de forma gratuita e on-line. Utilizou-se como delineamento metodológico as seis etapas proposta por Mendes e Galvão. **Resultados:** a amostra final resultou em oito artigos, dos quais emergiram três categorias: Percepções e queixas das mulheres vítimas da violência; Risco para depressão e regulação emocional de vítimas da violência; Modos de cuidar em saúde mental a vítimas da violência. Destes, apenas um trabalho foi realizado fora do Brasil e os demais estudos foram desenvolvidos no país. **Conclusão:** a literatura aponta que a violência contra a mulher se constitui como um grave problema social que afeta diferentes níveis sociais. Os achados encontrados apresentam os grandes impactos na saúde física e mental das mulheres que se tornam “reféns” de práticas agressivas pelos parceiros, que além das marcas físicas, sejam elas transitórias ou permanentes, deixam marcas negativas sobre a saúde mental, favorecendo o desenvolvimento do adoecimento mental destas vítimas, além de retirarem sua autonomia e protagonismo devida.

Descritores: Saúde mental. Violência contra a Mulher. Mulheres.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), violência pode ser definida como o uso de força física ou poder, incluindo práticas de ameaça ou na própria consumação do ato, contra si próprio, outro indivíduo, contra um grupo ou comunidade, que resulte em diversos tipos de sofrimento, seja ele psicológico ou físico e até mesmo a morte.¹

É neste contexto que a temática da violência contra a mulher constitui-se como um sério problema social e de saúde pública no Brasil e no mundo, afetando mulheres de todas as classes sociais. Algumas pesquisas já realizadas identificaram que os atos de violência a este público, geralmente ocorrem dentro do próprio lar, movidos pelos próprios parceiros e que o uso de substâncias psicoativas e o álcool são fatores de risco fundamentais que intensificam este problema.^{2,3}

Observa-se que a prática de violência contra as mulheres também se relaciona com as regras sociais tradicionalmente impostas à estas mulheres, que quando contestadas, podem ser motivos geradores de agressão, uma vez que ainda predomina a ideia do patriarcalismo, submissão e dependência feminina.^{4,5}

Um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública apresentou que, enquanto a taxa geral de homicídios

no país aumentou 4,2% na comparação 2017-2016, a taxa que conta apenas as mortes de mulheres apresentou um crescimento de 5,4%, sendo a maior taxa desde 2007, considerando o mesmo período de análise. Com relação a prática de feminicídios no Brasil em 2017, o Atlas da Violência revelou que houve um crescimento deste índice com cerca de 13 assassinatos por dia. Ao total, desde o ano de 2007, foram registradas 4.936 mortes de mulheres vítimas da violência.⁶

No que tange aos danos mentais produzidos a estas vítimas, os transtornos depressivos são aqueles que apresentam maior prevalência, em comparação com as não vitimadas, além de gerar sentimentos de impotência, queda da autoestima, distúrbios do sono, ansiedade.^{5,7} Ressalta-se ainda que a violência psicológica é alta, atingindo cerca de 80% em algumas pesquisas, mesmo que estas agressões ainda permanecem veladas, negligenciadas ou não registradas formalmente aos órgãos adequados de segurança.^{4,8}

Em um estudo desenvolvido na Suécia com 573 mulheres, os dados coletados evidenciaram resultados semelhantes comparados aos dados obtidos pelo IPEA, em que as mulheres expostas à violência física e sexual apresentaram 3,78 vezes mais probabilidade de apresentar e desenvolver algum tipo de sintoma depressivo quando comparadas a outras que não tiveram esta mesma vivência.^{9,10}

Deste modo, tornar-se vítima da violência pelo parceiro contribui para o desenvolvimento de transtornos mentais, pois a violência tende a diminuir a energia vital e predispor ao agravamento deste quadro clínico. Também é importante salientar que as demais formas de violência contra as mulheres, não somente a violência doméstica, independentemente do local onde são geradas, também devem ser pontos de reflexão, uma vez que todo e qualquer tipo de violência resulta em impactos diretos e indiretos sobre a vida destas vítimas.^{5,7,8}

Frente ao cenário da violência doméstica no Brasil, este estudo tem como objetivo analisar os impactos da violência contra a mulher na perspectiva da saúde mental, por meio dos trabalhos publicados nos últimos cinco anos, tendo em vista a centralidade que este tema assumiu no debate público da sociedade brasileira, assim como a relevância do tema para fomentar melhorias nas políticas públicas de cuidado e proteção à estas mulheres.

METODOLOGIA

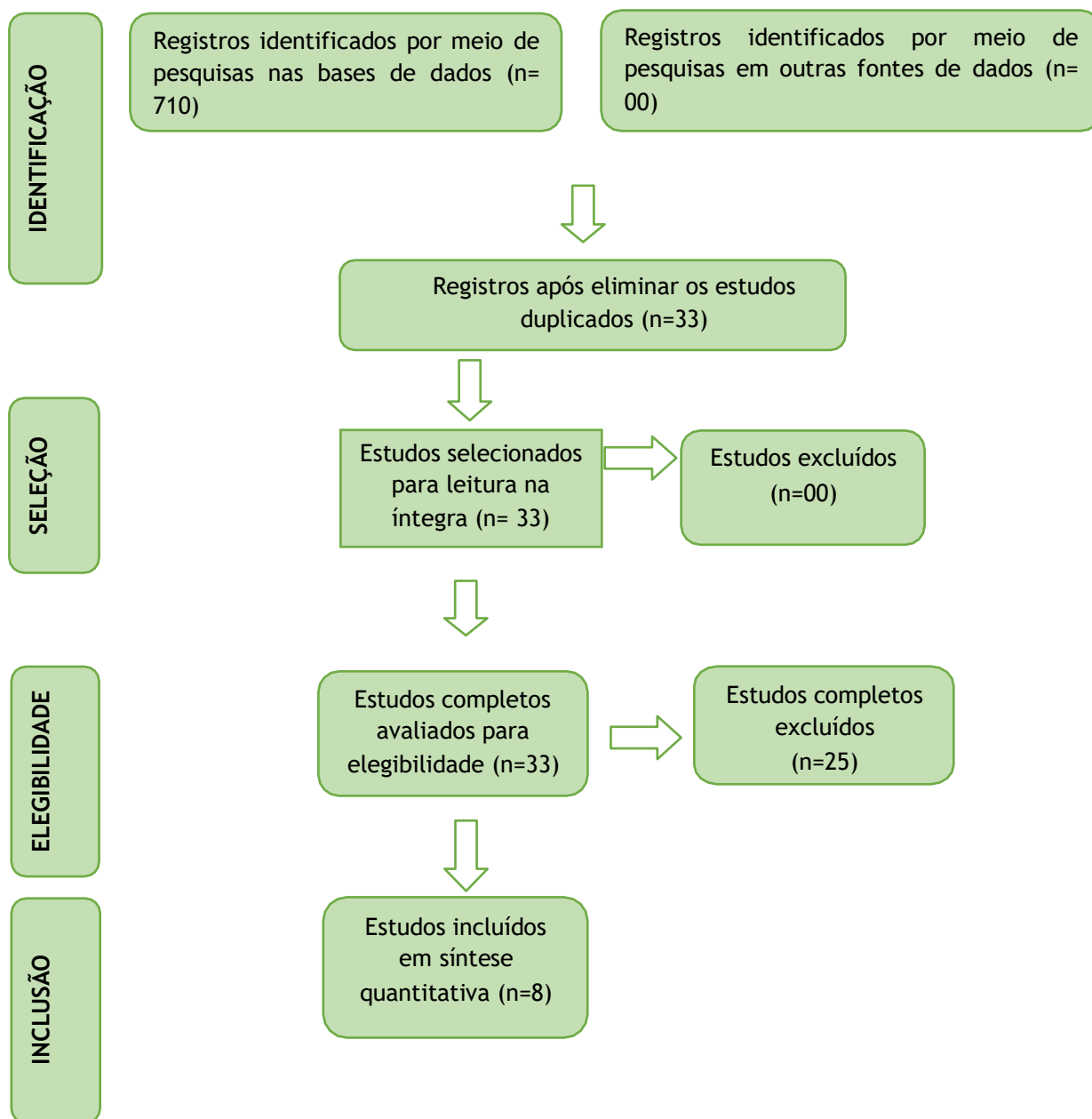
Trata-se de uma revisão integrativa de Literatura, a qual visa sintetizar alguns estudos já produzidos sobre a temática em análise. Esta pesquisa partiu da seguinte questão norteadora: “*quais os impactos da violência doméstica sobre a saúde mental das mulheres que sofrem com este tipo de agressão*”?

Utilizou-se como delineamento metodológico as seis etapas da revisão integrativa, sendo elas: etapa 1: identificação do tema; etapa 2: estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão para a seleção da amostra; etapa 3: categorização dos estudos; etapa 4: análise dos estudos; etapa 5: interpretação dos resultados; etapa 6: apresentação e síntese dos resultados.¹¹ Destaca-se que a delimitação do tema surgiu a partir do interesse em melhor compreender os impactos diretos e indiretos produzidos na saúde mental das mulheres vítimas de violência doméstica, assim como identificar as ações em saúde destinadas ao cuidado a este público.

Utilizou-se para a seleção dos artigos as bases de dados nacionais e internacionais, incluindo a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed, *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*, base de dados eletrônicas especializada na área de Enfermagem (Bdenf) e Index psicologia – periódicos técnicos científicos. Primeiramente foi feita uma busca aprimorada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), dos descritores em ciências da saúde (DeCS) controlados e não controlados, sendo encontrados, em inglês: *Mental health*, *Violence Against Women* e *Women*; em português: Saúde mental, Violência contra a Mulher, Mulheres; em Espanhol: *Salud mental*, *Violencia contra la Mujer* e *Mujer*. A pesquisa nas bases de dados ocorreu entre dezembro de 2019 a janeiro de 2020, em um formulário adaptado.

A partir da identificação dos descritores, foram realizados os cruzamentos dos mesmos, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando o operador booleano *AND* com os descritores específicos encontrados, a fim de delinear a busca na literatura, sendo realizados os seguintes cruzamentos: *Mental health AND Violence Against Women*; *Mental health AND Women*; *Violence Against Women AND Women*. A partir dos resultados encontrados em cada cruzamento, foram selecionados os trabalhos que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos nesta pesquisa, conforme apresentado na figura 1.

Figura 1: Fluxograma do processo de inclusão dos artigos científicos adaptado do PRISMA. Uberlândia (MG), Brasil, 2020.



Fonte: Prisma, 2015.

Elencaram-se como critérios de inclusão para a seleção dos artigos: trabalhos publicados entre os anos de 2015 a 2020, nos idiomas português, inglês e espanhol, disponíveis *on-line* de forma gratuita e na íntegra. Foram estabelecidos como critérios de exclusão, os estudos de revisão, teses e dissertações. A partir da seleção dos trabalhos, as principais informações dos estudos foram dispostas em tabela (tabela 1), a fim de favorecer a interpretação dos resultados e as informações relevantes de cada artigo, a partir das variáveis: autores, ano e país de publicação dos estudos, título, delineamento metodológico, objetivos e amostra final e nível de evidência.

Após a seleção e leitura completa dos estudos, elencaram-se três categorias para a melhor compreensão dos resultados, sendo elas: 1 - Percepções e queixas das mulheres vítimas da violência; 2 - Risco para depressão e regulação emocional de vítimas da violência; 3 - modos de cuidar em saúde mental das vítimas da violência doméstica.

RESULTADOS

A primeira busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com os descritores específicos encontrados identificou o total de 710 artigos. Após o uso de filtros específicos para a seleção dos estudos (texto completo, disponível nas bases de dados internacionais e nacionais, em inglês, português e espanhol, publicado em 2015 a 2020; violência contra a mulher, saúde mental, violência doméstica), encontraram-se 73 trabalhos. Refinando ainda mais a busca, outros filtros foram acrescentados (LILACS, PUBMED, BDENF, Index Psicologia - periódicos técnicos científicos) e destes apenas 36 foram selecionados inicialmente para a análise. Ao final, três trabalhos apresentaram duplicidade. Após a aplicação dos critérios de exclusão, leitura dos títulos e objetivos dos estudos, 25 estudos não atenderam aos critérios de seleção, restando apenas oito trabalhos a fim de responderem aos objetivos da pesquisa (tabela1).

Destes, oito pesquisas foram realizadas no Brasil e uma nos Estados Unidos da América (EUA). De acordo com a temática da pesquisa, em 2015, 2017 e 2018 foram publicados dois trabalhos em cada ano e em 2016 e 2019 foi publicado apenas um trabalho em cada um dos respectivos anos.

Tabela 1: Síntese dos estudos incluídos para análise das categorias. Uberlândia (MG), Brasil, 2020.

Autores	Ano/País	Título	Delineamento	Objetivos	Amostra
¹⁷ Barbosa; Souza; Freitas	2015/Brasil	Violência sexual: narrativas de mulheres com transtornos mentais no Brasil	Relato de Caso/ estudo Multicêntrico nacional	compreender o impacto da violência sexual sofrida por mulheres com transtornos mentais a partir do autorrelato de suas experiências.	17
¹² Carneiro, Gomes, Estrela et al.	2017/Brasil	Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas(os)	Estudo transversal/qualitativo	Conhecer os significados atribuídos por mulheres acerca das repercussões da vivência de violência conjugal	37
²¹ Clark, Grogan-Kaylor, Galano, Stein, Graham-Bermann	2018/EUA	moms' empowerment program participation associated with improved physical health among latinas experiencing intimate partner violence	Estudo longitudinal	Avaliar se a participação no Programa de Empoderamento das Mães (MEP), uma intervenção de 10 semanas e 10 sessões, projetada para fornecer apoio e aumentar o acesso aos recursos comunitários disponíveis para mulheres que sofrem violência por parceiro íntimo (IPV), melhorou a saúde física dos participantes que se identificaram como latina.	93
¹⁶ Frazão, Pimenta, Lima et. al	2019/Brasil	Violência em mulheres com diagnóstico de depressão	Estudo exploratório descritivo qualitativo	Compreender a relação entre a depressão e o histórico de violência em mulheres.	30
²⁰ Trigueiro, Silva, Meirighi et al.	2017/Brasil	O sofrimento psíquico no cotidiano de mulheres que vivenciaram a violência sexual: estudo fenomenológico	Estudo Transversal, qualitativo	Compreender as ações do cotidiano de mulheres que vivenciaram violência sexual	11

Continua

Autores	Ano/País	Título	Delineamento	Objetivos	Amostra
¹⁴ Correia, Diniz, Gomes, et. al	2018/Brasil	Sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica	Estudo exploratório-descriptivo, com abordagem qualitativa	Identificar sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica	10
¹⁵ Leite, Silva, Bravim, et al.	2016/Brasil	Mulheres vítimas de violência: percepção, queixas e comportamentos relacionados à sua saúde	Estudo transversal descritivo	Caracterizar as mulheres vítimas de violência quanto à percepção, queixas e comportamentos relacionados à sua saúde física e mental.	42
¹⁸ Meinhardt, Maia	2015/Brasil	Não é uma rede que flui - da invisibilidade às possibilidades de novos modos de cuidar: a violência contra as mulheres na saúde mental	Estudo observacional	Refletir sobre a inserção da violência contra as mulheres no campo da saúde, especificamente a saúde mental	11

A fim de melhor compreender a temática da pesquisa, os resultados encontrados através da busca na literatura serão discutidos em três categorias, sendo elas: Percepções e queixas das mulheres vítimas da violência, composta por três artigos; Risco para depressão e regulação emocional de vítimas da violência, discutida por três estudos; modos de cuidar em saúde mental das vítimas da violência, composta por dois artigos.

DISCUSSÃO

Categoria 1: Percepções sobre si das das mulheres vítimas da violência

No que tange as percepções e queixas das mulheres que sofrem com a violência, a violência conjugal destaca-se como um importante tipo de violência, uma vez que os sofrimentos gerados se relacionam com o medo de exposição social e privação de direitos destas vítimas tendo em vista a relação de poder estabelecida nestas relações.

Observa-se que os atos agressivos praticados dentro do lar, além dos diversos tipos de sofrimento produzidos sobre a vida da mulher, contribuem para a minimização das suas potencialidades, ou seja, a perda do protagonismo da sua própria vida. Assim, muitas das mulheres se tornam limitadas às tarefas domésticas, por imposição da “supremacia masculina”, tendo em vista que o ato de ser capacitada para o mercado de trabalho e contribuir com as despesas da família, fere a masculinidade e supremacia do homem.^{12,13}

Uma pesquisa realizada com 11 mulheres identificou os principais impactos da violência conjugal sobre a vida de mulheres vítimas de violência. A maioria das participantes da pesquisa relataram que o sofrimento psicológico interfere negativamente nas atividades diárias da vida, assim como nas relações sociais. Deste modo, pode-se considerar que, além das marcas físicas deixadas pelos atos agressivos, as marcas psicológicas trazem importantes mudanças em suas vidas, principalmente por enfraquecer e privar suas relações sociais.^{2,14}

Neste contexto, ao avaliar as repercussões da violência doméstica na vida de 37 participantes de uma determinada pesquisa, os prejuízos nas relações sociais, assim como no estudo anterior, também foi uma variável que apresentou maior destaque na opinião das participantes. O fato de sofrerem opressão, agressão, ameaças e serem impedidas de viverem com liberdade sua vida, torna-se um fator fundamental que interfere negativamente na perda da interação social, pois, se tornar “refém” da violência, coloca estas vítimas em uma espécie de isolamento e restrição de contato social, seja ela com amigos ou familiares, que

passa a ser controlado pelo agressor.^{10,12}

Um outro estudo com 10 mulheres revelou em seus resultados que as alterações no estado emocional das mulheres, a medida que retira a capacidade de protagonismo e autonomia sobre sua própria vida, produz sentimentos de opressão e perda da autonomia, resultado de uma relação abusiva.³ As partícipes da pesquisa referem que os sentimentos de impotência produzidos por tais atos trazem sentimentos de se sentirem como um nada, um “lixo”, por serem tratadas pelos agressores como fracas, incapazes e inferiores à potencialidade masculina.^{13,14}

O fato de se tornarem “reféns” de práticas agressivas por seus parceiros, sejam elas física ou psicológica, retira da mulher o direito de vivência os seus direitos fundamentais.¹⁵ A partir deste contexto, evidencia-se que o sofrimento vivenciado por mulheres vítimas de violência, trazem inúmeros prejuízos em diversos aspectos que constituem a vida destas vítimas.

Categoria 2: Transtornos mentais comuns de mulheres vítimas de violência

A violência contra a mulher, além de marcas físicas, produz diversos prejuízos na saúde mental das mesmas e repercute negativamente sobre a sua saúde de modo geral.

Uma pesquisa realizada com 30 mulheres vítimas da violência e com histórico de depressão, revelou que, os atos agressivos sofridos pelas participantes influenciaram diretamente na agudização de sintomas depressivos entre estas vítimas. As mesmas relataram a perda da autoestima e diminuição de práticas de autocuidado, perda de interesse por atividades que antes eram consideradas prazerosas: lazer, viagem, passeios e até o convívio social, além de afirmarem não encontrarem sentido na própria existência gerando tentativa de cessar o sofrimento diário por meio da ideação suicida e tentativas de auto-extermínio.^{16,8}

O mesmo estudo também apresentou em seus resultados a relação intrínseca do desenvolvimento de transtornos mentais decorrentes da violência doméstica. Tais atos modificam a saúde mental das vítimas, que podem vir a desenvolver comorbidades mentais significativas, como: traumas, ansiedade, fobia social, assim como também em repercussões diretas e indiretas na qualidade de vida e perdas dos potenciais pessoais e afetivos.^{17,7} No entanto, mesmo que os sintomas depressivos possam se manifestar na vida destas mulheres, não é sempre que são percebidos e identificados pelas vítimas como uma forma de adoecimento, e sim como algum tipo de tristeza “inexplicada” que pode passar com o

tempo.^{10,18,19}

Além dos sintomas depressivos e ansiosos desenvolvidos por estas mulheres, algumas pesquisas já identificaram a relação do agravamento do estado de saúde mental, pois a medida que estes sintomas, à medida que não são cuidados, apresentam maiores chances para o desenvolvimento de comportamentos suicidas, como tentativa de cessar o sofrimento.¹⁸

Em uma pesquisa com 42 mulheres vítimas de violência, 14,3% relataram tentativa de auto-extermínio e 38,1% apresentaram pensamentos suicidas, como formas de findar o sofrimento vivenciado diariamente no convívio com o parceiro.^{5,15}

Muitas das mulheres vítimas de práticas agressoras diariamente dentro de uma relação tendem a apresentar uma saúde mais frágil em decorrência dos efeitos da violência. O surgimento de doenças de cunho mental, como depressão, insônia, ansiedades, e outros tipos de doenças, favorecem com que estas vítimas sejam mais propensas à um maior risco para o adoecimento.^{18,20}

O fato da violência tornar-se algo rotineiro colabora para que o bom estado mental e físico seja prejudicado, e consequentemente condiciona estas vítimas a uma maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de patologias, prejuízos sociais e mentais na vida destas mulheres.^{12,7} Em uma pesquisa com 42 mulheres vítimas de violência, 14,3% relataram tentativa de auto-extermínio e 38,1% apresentaram pensamentos suicidas, como formas de cessar o sofrimento.¹⁵

Assim, observa-se que a violência contra a mulher altera significativamente a saúde mental das vítimas, e as mesmas tornam-se mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos mentais importantes, podendo chegar ao desenvolvimento de ideação suicida, com o objetivo de amenizar as dores produzidas pela violência.

Categoria 3: Cuidados em saúde mental das mulheres vítimas da violência

Ao abordar a temática do cuidado em saúde às mulheres vítimas da violência, nota-se que as ações em saúde voltadas para este cenário, ganharam maiores destaques a partir do reconhecimento dos seus direitos por liberdade, proteção e cuidado.

Em um estudo observacional realizado com mulheres vítimas de violência, encontrou-se que o uso de oficinas terapêuticas em grupo constitui-se como instrumento potencializador para o enfrentamento das situações de violência. Este método auxilia estas vítimas a construir redes solidárias de apoio entre si. A prática das oficinas terapêuticas

permite a estas mulheres dar visibilidade aos sintomas da violência, que na maioria das vezes são velados, por questões de vergonha, medo e até de exclusão social, gerando impactos, sobretudo na saúde mental destas vítimas.^{7,18}

Outra pesquisa com 93 em mulheres ocorrida nos estados de Michigan, Ohio e Texas nos EUA, utilizar a mesma técnica, observou que o grupo desenvolveu função reparadora, pois a relação construída entre as participantes produziu respostas positivas para o enfrentamento da violência, assim como para o fortalecimento de vínculos entre as que compartilham de sofrimentos semelhantes. O grupo constitui-se como um espaço propício para uma melhor percepção das suas angústias, obtenção de *insights* das situações de violência e estimula a mulher a encontrar meios adequados para atos.^{21, 22,23}

Portanto, observa-se que as atividades de grupo e oficinas terapêuticas são ferramentas ,que podem contribuir para o enfrentamento de situações de violência por parte das mulheres que vivenciam estas situações em sua realidade, uma vez que fortalecimento de vínculo, partilha das angústias e empatia pela dor da outra, auxiliam estas vitimas a resgatarem e fortalecerem o seu potencial enquantomulher.

CONCLUSÃO

Através da análise dos trabalhos revisados percebe-se que a temática da violência contra a mulher pode ser considerado como um grave problema social e de saúde, que afeta todas as classes, no Brasil e no mundo.

Os achados encontrados revelam os grandes impactos na saúde física e mental e social porque se tornam“refêns” de práticas agressivas pelos parceiros, que além das marcas físicas, sejam elas transitórias ou permanentes, também deixam marcas negativas sobre a saúde mental dessas vítimas, e retira sua autonomia e protagonismo de vida.

Os resultados das pesquisas apresentaram alguns efeitos que a violênciatende a produzir sobre o estado de saúde mental das mulheres vítimas de atos agressivos. O desenvolvimento de sintomas depressivos, ansiedades, traumas, outros transtornos mentais comuns, e comportamentos suicidas mostraram-se como maio rfreqüência e também como maiores possibilidades de desenvolvimento, alterando assim o equilíbrio mental e tornando-as mais propensa ao desenvolvimento de comorbidades mentais importantes.

Os impactos que a violência tende a produzir sobre a vida das mulheres, torna-se importante a construção de meios que favoreçam a construção de redes solidárias de apoio

para o enfrentamento destas práticas opressoras.

Assim, as atividades em grupo e de oficinas terapêuticas trazem importantes benefícios para estas mulheres, por possibilitar a criação de vínculos de apoio, servir como um meio de expressão das dores internas produzidas pela violência, e sobretudo para encontrar meios adequados para cessar a vivência destes atos. Portanto, a violência contra a mulher é um sério problema social e o primeiro passo para sanar essas questões é tratá-las com seriedade, respeito e discutido nos diversos âmbitos sociais.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2). Disponível em: https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/introduction.pdf
2. Neto JS, Bezerra CRM, Fernandes NP, Medeiros RM, Sá SAM, Pinto DS. Violência contra a mulher no contexto de saúde pública. Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança [Internet]. 2015; 13(2): 60-65. Disponível em: <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/487>
3. Albuquerque AL, Silva WC. Perfil da violência sexual contra mulheres atendidas no serviço de apoio à mulher. Revista de Enfermagem [Internet]. 2017; 11:2106-15. Doi: 10.5205/reuol.9302-81402-1-.RV.1105sup201716
4. Rafael RMR, Moura ATMS. Violência contra a mulher ou mulheres em situação de violência? Uma análise sobre a prevalência do fenômeno. Jornal Brasileiro de Psiquiatria [Internet]. 2014, 63(2):149-153. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000019>
5. Santos WJM, Oliveira PP, Viegas SMF, Ramos TM, Policarpo AG, Silveira EAA. Violência Doméstica Contra a Mulher Perpetrada por Parceiro Íntimo: Representações Sociais de Profissionais da Atenção Primária à saúde. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental [Internet]. 2018; 10(3):770-777. Doi:10.9789/2175-5361.2018.v10i3.770-77
6. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da violência 2019. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf
7. Guimaraes MC, Pedroza RLS. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. Psicologia e Sociedade [Internet]. 2015, 27(2): 256-66. Disponível em:

<https://submission3.scielo.br/index.php/psoc/article/view/132163>

8. Medeiros MP, Zanell V. Relação entre a violência e a saúde mental das mulheres no Brasil: análise das políticas públicas. Estudos e Pesquisas em Psicologia [Internet]. 2018;18(1):384-

403. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451858897021>

9. Lövestad SLJ, Love J, Vaez M, Krantz G. Prevalence of intimate partner violence and its association with symptoms of depression; a cross-sectional study based on a female population sample in Sweden. BMC Public Health [Internet]. 2017; 17(335). Doi: <https://doi.org/10.1186/s12889-017-4222-y>

10. Acosta DF, Gomes VLO, Fonseca AD, Gomes GC. Violência contra a mulher por parceiro íntimo:(in) visibilidade do problema. Texto e Contexto Enfermagem [Internet].2015; 24(1): 121-127. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015001770013>

11. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Integrative literature review: a research method to incorporate evidence in health care and nursing. Texto contexto-enferm [Internet]. 2008; 17(4):758-64. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

12. Carneiro JB, Gomes NP, Estrela FM, Santana JD, Mota RS, Erdmann AL. Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas (os). Escola Anna Nery [Internet]. 2017, 21 (4):1-7. Doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2016-0346>

13. Meinhardt YM, Maia GF. Não é uma rede que flui-da invisibilidade às possibilidades de novos modos de cuidar: a violência contra as mulheres na saúde mental. Barbarói [Internet]. 2016;44: 120-136, 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.7440>

14. Correia CM, Diniz NMF, Gomes NP, Andrade ICS, Campos LM, Carneiro JB. Warning signs of suicide in women with a history of domestic violence. SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas [Internet]. 2018; 14(4):219-25. Doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.151401>

15. Leite FMC, Silva ACA, Bravim LR, Tavares FL. Mulheres vítimas de violência: percepção, queixas e comportamentos relacionados à sua saúde. Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE [Internet]. 2016;10(6): 4854-61. Doi: 10.5205/reuol.8200-71830-3-SM.1006sup201618

16. Frazão MCLO, Pimenta CJL, Lima RJ, Valdevino SC, Silva CRR, Costa KNFM. Violência em mulheres com diagnóstico de depressão. REME rev. min. enferm [Internet].2019; 23: 1-6. Doi:10.5935/1415-2762.20190022

17. Barbosa JAG, Souza MCR Freitas MIF. Violência sexual: narrativas de mulheres com transtornos mentais no Brasil. Revista Panamericana de Salud Pública [Internet]. 2015; 37:273-78. Disponível: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2015.v37n4-5/273-278/pt>

18. Amaral LRM, Vasconcelos TB, Sá FE, Silva ASR, Macena RHM. Violência doméstica e a Lei Maria da Penha: perfil das agressões sofridas por mulheres abrigadas em unidade social de proteção. *Revista Estudos Feministas* [Internet]. 2016; 24(2):521-540. Doi: <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p521>

19. Silva AS, Lucena KDT, Deininger LSC, Coelho HFC. Análise da violência doméstica e saúde das mulheres. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* [Internet]. 2015; 25(2):182-86. Doi: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.103009>

20. Trigueiro TH, Silva MH, Merighi MAB, Oliveira DM, Jesus MCP. O sofrimento psíquico no cotidiano de mulheres que vivenciaram a violência sexual: estudo fenomenológico. *Escola Anna Nery* [Internet]. 2017; 21(3): 1-7. Doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2016-0282>

21. Clarck HM, Grogan-Kaylor AC, Galano MM, Stein SF, Bermann SAG. Moms' Empowerment Program participation associated with improved physical health among Latinas experiencing intimate partner violence. *Revista Panamericana de Salud Pública* [Internet]. 2018; 42(39), 1-7. Doi: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.39>

22. Nascimento AD, Virgolin IWC, Brutti TA, Sulzback F. Lei Maria da Penha: um estudo sobre as medidas protetivas e de assistência às mulheres. *Revista interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão-revint* [Internet]. 2017; 5(1): 166-75. Disponível: http://www.revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/viewFile/166-175/pdf_140

23. Leite MTS, Figueiredo MFS, Dias OV, Vieira MA, Souza LPS, Mendes DC. Ocorrência de violência contra a mulher nos diferentes ciclos de vida. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Internet]. 2014; 22(1):85-92. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.3186.2388>